

NARRATIVA, IDENTIDADE E TRABALHO

Aluna: Aline Maria Cantanhêde Pereira
Orientadora: Maria do Carmo Leite de Oliveira

Introdução

A capacidade de representar-se é exclusiva da espécie humana. O sujeito organiza suas experiências dando sentido a elas através da narrativa que faz de si mesmo. De acordo com Bastos (2008), “ao criar esse universo narrativo, estamos necessariamente mostrando quem somos, ou pelo menos, algumas dimensões de quem somos”. Sendo o trabalho uma categoria central na narrativa de nós mesmos, as histórias de experiência profissional são parte de nossas histórias de vida que, segundo Linde (1993) auxiliam na criação e manutenção das identidades.

Num momento em que se acentua a precarização do trabalho, a sustentação da noção tradicional de carreira como trajetória profissional ascendente vinculada a uma mesma organização é posta em xeque. Sendo assim, cabe investigar como as histórias de vida são (re)contadas e como o sentido do trabalho é (re)pensado.

Este estudo tem como objeto a história de profissionais que migraram – voluntária ou involuntariamente – do emprego corporativo para o autoemprego, na condição de consultores autônomos.

Objetivos

A partir da análise de dados gerados em entrevistas de pesquisa com profissionais de diferentes grupos etários e de alto nível de qualificação que fizeram essa migração, busca-se verificar como eles constroem uma narrativa coerente de si mesmos e como a mudança de categoria de empregado para autoempregado afeta o sentido do trabalho.

Metodologia

Tomamos a teoria da narrativa e a análise de categorias de pertença como ferramental teórico-metodológico.

No que diz respeito à narrativa, partimos do pressuposto de que a história de vida de cada indivíduo é um conjunto de todas as histórias e discursos contados por ele durante o curso de sua vida e que se relacionam de forma coerente entre si. (Linde, 1993). Neste trabalho, nosso foco são os sistemas de Coerência, isto é, sistemas de crenças e relações entre crenças, usados para estruturar histórias de vida e explicações para as experiências vividas. Esses sistemas funcionam como uma forma de justificar as opções e/ou posições dos falantes.

No que se refere às categorias de pertença, assumimos que grande parte do conhecimento dos membros de uma sociedade é armazenada em termos de categorias (Sacks, 1972, 1979, 1992). A noção de Mecanismo de Categorização de Membros (MCM) explica a formação das coleções de categorias e de atividades associadas e como elas são mobilizadas de acordo com o conhecimento da cultura em que está inserida e da situação em que se encontra. No caso do referido projeto, temos a coleção trabalho que engloba as categorias de emprego e autoemprego e atividades relacionadas, assim como pares relacionais padronizados, por direitos e obrigações, como no caso do emprego o par chefe/subordinado.

O corpus é constituído de um conjunto de 10 entrevistas semi-estruturadas de 30 a 70 minutos com indivíduos, selecionados por tipicidade e acessibilidade, com elevado nível de

qualificação profissional que deixaram grandes organizações empresariais e que vivenciavam a experiência do autoemprego por tempos diferenciados.

Conclusão

Com base na análise dos dados, observamos que os entrevistados procuram construir uma narrativa coerente de si mesmos para explicar a mudança da categoria empregado para a categoria autoempregado. Embora se apresentem como “o mesmo profissional”, o que se observa é que, se por um lado, a mudança de categoria é explicada pelo discurso capitalista que lhes garantiu o emprego em grandes organizações, por outro essa mudança se justifica pelo discurso da qualidade de vida que aponta para um sentido do trabalho como prazer em detrimento do sentido do trabalho como obrigação. O benefício material decorrente do trabalho em grandes organizações empresariais é reconhecido, mas relativizado pelo custo: falta de autonomia, dedicação total, rotinas aborrecidas, chefes nas costas, metas impossíveis de serem alcançadas etc. No autoemprego, os indivíduos buscam ter um projeto de qualidade de vida, em que o trabalho se harmonize com outros interesses.

Referências

1. BASTOS, Liliana Cabral. Estórias, vida cotidiana e identidade – uma introdução ao estudo da narrativa. In CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa (org.). *Práticas discursivas: da teoria à ação social. Homenagem a Malcolm Coulthard*. São Paulo: Contexto, 2008.
2. DIVAN, L.M.F. O uso retórico das categorizações como recursos linguísticos para realizar ações comunicativas. Juiz de Fora: UFJF, Faculdade de Letras. *Exame de qualificação de projeto de tese de doutorado*, 2009.
3. LINDE, Charlotte. *Life Stories: The creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.
4. SABÓIA, I.B de.; COELHO, R.; AQUINO, C. A. B de. *Narratives et labour: impasses sobre o trabalho como narrativa de si-mesmo na contemporaneidade*. *Calidoscópico*, v.5, n.2, p.84-91, mai/ago 2007.
5. SELL, M.; OSTERMANN, A.C. Análise de Categorias de Pertença em estudos de linguagem e gênero: a (des)construção discursiva do homogêneo masculino. São Paulo: *Alfa*, v.53, n.1, p. 11-34, 2009.